

Sempre fomos CORRUPTOS?

É correto nomear os tempos atuais de a Era da Corrupção? Não cria a impressão de que tal fenômeno nunca ocorreu? Fazer distinção entre uma época e outra requer levar em conta fatores como a empalidecida presença da justiça, o exemplo escancarado de lideranças imorais, a obsessão por querer garantir um futuro melhor, o desespero de não se saciar com nada por força do *ter* em detrimento do *ser*. Tudo isso como resultado dos tipos de uso da inteligência humana, capaz de nos tornar a criatura mais perigosa do planeta, acima das feras mais temidas no reino animal, pois, embora o homem não tenha sido privilegiado pela natureza com chifres pontiagudos, garras poderosas ou veneno, ele possui um cérebro cada vez mais apto a realizar operações relacionadas ao planejamento e execução de tarefas incomuns.

A mente passou a criar formas de lidar com os eventos diários, haja vista a inteligência ter avançado significativamente, chegando às descendências através da informação genética. O homem desenvolveu, além da habilidade tecnológica para a produção de ferramentas e a criação de técnicas de caça, também a mentira e o autoengano (a fim de mentir melhor, com maior convicção íntima). Obter favores sociais para o benefício pessoal em desfavor do grupo, evitando malandramente as correspondentes punições, é um exemplo da arquitetura psíquica do *Homo corruptus*, tão antiga quão presente nos dias atuais, e pelo andar da carruagem... Não é ilusão imaginar que somos o supprassumo terrestre, acima de qualquer espécie? Porventura não mentimos, dissimulamos, acusamos sem ter certeza, falsificamos, tomamos o que não nos pertence, fraudamos, exploramos ingratamente, chantageamos, prometemos (até juramos!) em vão, ocultamos, sem falar na morte que impomos diretamente ou através da omissão sutil a qualquer ser vivente?

Abrir bem os olhos e constatar que somos corruptos é a oportunidade de se incomodar e modificar em si aquilo que se pretende em prol da própria evolução. Se você quer mudança, deseje-a em si mesmo (é claro que é devido cobrar melhor atuação de todos os sistemas sociais que regulam a vida cotidiana). Dê o passo decisivo, mas, antes, se imponha uma autoavaliação honesta, da qual faça emergir o retrato fiel da sua própria situação. Embora sejamos programados biologicamente para dar um jeitinho egoísta nas situações, é possível, inteligentemente, refletir e conhecer melhor o outro lado da moeda, que indica o fundamental altruísmo como peça-chave para administrar as dificuldades de convivência que se avolumam constante e amargamente. ■



Armando Correa de S. Neto
Psicólogo, professor e
mestre em Liderança
selfcursos@uol.com.br